

**A conquista do sertão da Bahia no Século XVIII:
Mediação cultural e aventura de um preto forro no Império Português**

Isnara Pereira Ivo¹

Em meados do século XVIII, um ex-escravo português encontra-se no Norte de Minas Gerais compondo bandeiras com homens brancos que partiam de Minas Novas com direção à Bahia. Nascido, provavelmente por volta de 1720, na cidade de Chaves, em Trás-os-Montes, o preto forro João Gonçalves da Costa envolve-se no processo de conquista dos sertões, é reconhecido pelas autoridades coloniais como um grande desbravador e conquistador de gentios, recebendo em 1744, a patente de capitão-mor do *Terço de Henrique Dias* para auxiliar o mestre de campo João da Silva Guimarães, bandeirante encarregado do empreendimento.²

Após a morte de Guimarães, João Gonçalves da Costa assume a tarefa de conquista do Sertão da Ressaca e já em início do século XIX, tem o reconhecimento público de membros da nobreza lusitana que, ao relatar a exploração das margens do Rio Pardo registram: “não produz um século um homem com o gênio deste capitão-mor, tem 80 e tantos anos, e todas as suas paixões tendem a estas aberturas e descobertas, em que tem gasto o que é seu, e arrisca freqüentemente a própria vida”.³

Como compreender a mobilidade física, cultural e social alcançada por este homem que, de escravo na sede do reino português, conquista sua carta de alforria e dirige-se a uma das colônias mais lucrativas da Coroa, ingressa na elite branca colonial, recebe a confiança de comandar bandeiras, em nome do governo luso, recebe o título de Capitão-mor das autoridades coloniais que lhe outorgam a tarefa de conquistar, em nome do rei, o Sertão da Bahia? Como este personagem coadjuvante no cenário escravista lusitano cria espaços e/ou usufrui das fissuras do mundo português, protagonizando inusitadas experiências que o faz circular em duas cenas diversas do cenário ibérico setecentista? Na primeira, em solo europeu, ele é apenas um escravo que conquista sua liberdade e consegue atravessar o Atlântico; na segunda, já no Novo Mundo, permeabilizando fronteiras culturais, conquista atribuições e funções *a priori* próprias dos membros da elite branca. De que maneira se pode descrever e interpretar os trânsitos de um universo a outro?

¹ Professora do Departamento de História da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Uesb. Doutoranda em História pela UFMG. Orientador: Eduardo França Paiva.

² APEB. Seção: Colonial e Provincial. Série: Patentes e Alvarás do Governo. 1738-1745. Maço 356. Patente do posto de capitão-mor do terço de Henrique Dias concedida a João Gonçalves da Costa.

³ Anais da Biblioteca Nacional. Vol. XXXVIII, Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar feito por ALMEIDA, Ed. de C. p. 455. Ofício do governador Conde da Ponte para o Visconde de Anadia, sobre a exploração das margens do *Rio Pardo*, pelo capitão-mor *João Gonçalves da Costa*. 31.03.1807.

As dimensões conceituais e metodológicas requerem definições que possibilitem um olhar mais microscópico sobre o mundo lusitano para percebê-lo como um mundo marcado pela pluralidade e pela mobilidade. A princípio a noção de universo cultural como um espaço de possibilidades e significados que se agrega num conjunto propício às misturas, mas também às impermeabilidades, favorável às permanências mas também às mudanças:

um conjunto de diferentes e diferenças, em movimento constante, misturando-se, mas também chocando-se, antagonizando-se, superpondo-se, em ritmos que às vezes são lentos e outras vezes são velozes, de maneira harmoniosa e/ou conflituosa, dependendo de épocas e de regiões, dos protagonistas e de seus objetivos (Paiva, 2001, p.32).

Os cenários do personagem João Gonçalves da Costa, seja em Portugal ou no Sertão da Bahia, é um mundo orientado pela miscibilidade e mobilidade lusitanas que orientou o deslocamento de seus agentes como “peças de um tabuleiro de gamão” conforme afirmou Gilberto Freyre, ao concluir que a mobilidade foi um dos segredos da vitória portuguesa sobre populações e culturas tão diversas e ricas quanto distantes: “o domínio imperial realizado por um número quase ridículo de europeus correndo de uma para outra das quatro partes do mundo⁴ então conhecido como num formidável jogo de quatro cantos” (1973, p. 9).

Estes homens que transitam pelo Império português, circulando pelas *quatro partes do mundo*, mobilizando saberes e sabores, sentimentos e identidades, técnicas e culturas, crenças e valores podemos denominar de *Passeurs Culturels* – Mediadores Culturais – ou seja, agentes sociais que favorecem as transferências e os diálogos entre universos aparentemente incompatíveis, elaborando mediações, muitas vezes insólitas e contribuindo com sua articulação para a permeabilização das fronteiras culturais, são os responsáveis pelo trânsito de e entre culturas (Ares Queija e Gruzinski, 1997, p.10; Paiva e Anastasia, 2002, p. 9).

São eles que realizam a transposição das fronteiras culturais fomentando a mestiçagem, mas não de maneira unilateral – ao mediar, também sofrem as ações da mediação e são agentes dela. No processo de mediação cultural, nem todos os elementos da cultura entram na dinâmica, mas apenas os seus fragmentos. A função de *porteur* pode ser desenvolvida por indivíduos – cronistas, viajantes, missionários, tradutores, curandeiros – a depender das modalidades de ação e das estratégias e mecanismos instrumentalizados para promover o rompimento das fronteiras. Determinados setores – mestiços, negros, índios, mercadores – por sua posição econômica, social, política ou religiosa também podem desempenhar um papel decisivo de *passeurs culturels* (Ares Queija e Gruzinski, 1997, p.10).

A mobilização de homens – descobridores, conquistadores, missionários, burocratas, mercadores e aventureiros – circulando pelas *quatro partes do mundo* não é algo novo no

⁴ Grifo nosso.

mundo lusitano. Desde o século XVI, milhares de pessoas transitam em escala planetária, o mundo assiste às aventuras de portugueses e espanhóis que não se limitam em se deslocar da Europa para a América: as frotas ibéricas percorrem toda a superfície da terra (Gruzinski, 2004, p.39).

O ímpeto da mobilização ibérica de descobrir, explorar e conquistar só pode ser comparado ao seu desejo infinito de evangelização. É importante, de outro modo, não esquecer que somente os europeus se deslocaram para o Novo Mundo, para a África ou para a Ásia. Da mesma forma, africanos, índios e mestiços americanos se deslocam para o Velho Mundo, alguns como escravos, outros como afortunados, como descendentes da nobreza indígena que passam a viver na Espanha, ou ainda, conforme registra Gruzinski, o caso de um mestiço que vai para a Itália viver junto com o papa, ou os casos de crioulos que foram para a Espanha estudar, fazer carreira ou publicar livros (2004, p.42).

O empreendimento de portugueses e espanhóis que estendeu sua dominação política e econômica em redes internacionais instalou agentes por toda a parte do mundo até então conhecido: administradores, conquistadores e burocratas. Mas este empreendimento não é responsável apenas pela transferência de saberes e técnicas políticas e administrativas, nesse processo também circulam experiências, gostos, arte, poesia, literatura. Uma via de mão dupla que faz o continente europeu experimentar e conhecer sabores e saberes até então desconhecidos e oriundos dos mais diversos e longínquos espaços. A conexão entre estes mundos propicia a circulação de pessoas que portam objetos, idéias, valores, crenças, técnicas, num movimento e ir e vir infundável. Assiste-se a um universo em ebulição intensa e sem limites que foge ao controle das instituições e dos homens.

O movimento de pessoas ultrapassando fronteiras sociais, políticas, ideológicas e religiosas nos leva a refletir sobre o caráter destas linhas que podem caracterizar as identidades humanas. Como entender um nobre português escrevendo sobre as habilidades e honestidade de um preto forro, chegando mesmo a colocá-lo numa posição de superioridade em relação aos seus pares?

É este e não outro o sentido da correspondência dos governadores interinos da Bahia para o Secretário da Marinha e Ultramar, Martinho de Mello e Castro, acerca do empreendimento dirigido por João Gonçalves da Costa:

Para este grandioso projeto se lhe apresentou, João Gonçalves da Costa, povoador do referido Sertão da Ressaca, homem natural de Chaves, com o valor e espírito dos antigos paulistas e sem a sua ambição; a ele distribuiu o governador as ordens e ele foi o que teve a paciência e a constância de se meter pelas ásperas matas, serras

*alagadiças que pelo espaço de 80 ou mais léguas se interpõem entre as ditas Vilas da beira mar o referido Sertão da Ressaca.*⁵

Prossegue registrando as habilidades, valores e realizações de um preto forro que noutras condições jamais seria louvado e agraciado por qualquer membro da elite branca devido à própria natureza da sua origem e da sua condição social, um ex-escravo:

*Demarcou e abriu a estrada, que discorre a margem do Rio de Contas, donde a fez partir para as Vilas da foz do mesmo rio, para o do Camamu e desta para todo o território das outras Vilas, fazendo logo descer um lote de gado, que foi o primeiro que aqueles moradores viram [...] condescendeu ao mesmo tempo com o outro projeto do mencionado João Gonçalves da Costa, na redução e conquista do gentio Nongoyó [sic], que infesta o mesmo Sertão da Ressaca. Encarregou-o desta empresa e o mandou municiar com 70 armas de fogo, alguns barris de pólvora, para 50 índios dos civilizados à sua ordem [...] já honrado com a patente de Capitão-mor, participa presentemente dos progressos e resultas da conquista.*⁶

Como refletir acerca das impermeabilidades e resistências culturais que podem separar dois universos díspares? A análise de algumas experiências pode nos ajudar a compreender as relações e conexões possíveis num processo de encontro de universos distintos.

Atributos e criatividade do ser humano são elementos fundamentais que facilitam a mediação. O destemor, a coragem e a ousadia são os principais atributos de João Gonçalves da Costa, não somente reconhecidos pelas autoridades portuguesas, mas também sentimentos que o impulsiona a cruzar o Atlântico e servir à Coroa no Novo Mundo “arriscando a própria vida”.

Ao analisar o processo de evangelização jesuíta em Macao implementado pelo missionário Matteo Ricci, em fins do século XVI, a professora Beatriz Moncó Rebollo (1999, 1997) analisa as questões que envolvem as permeabilidades, as mobilidades e os limites das fronteiras, seja elas culturais, religiosas ou ideológicas. É a habilidade do missionário Matteo Ricci que o permite transitar entre universos culturais distintos e ditos *a priori* como intransponíveis. A ciência é o principal mecanismo de mediação utilizado por Ricci para aproximar-se do governo chinês. Se a aproximação física e exterior são relativamente fáceis, a mediação encontra dificuldades em outras dimensões, principalmente, a religiosa e ético-moral, conforme enfatiza Rebollo (1997, p.337).

A impermeabilidade da fronteira religiosa é percebida por Ricci ao reconhecer o quanto é difícil evangelizar os chineses. Persistente e determinado tenta demolir suas próprias fronteiras para facilitar a mediação: vestindo-se como um chinês e falando mandarim, Ricci busca o

⁵ Anais da Biblioteca Nacional. Vol. XXXII, Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar feito por ALMEIDA, E. de C. p. 539. Ofício dos governadores interinos da Capitania da Bahia para Martinho de Mello e Castro, em que lhe dão diversas e interessantes notícias relativas à comarca dos Ilheos. 23.08.1783.

⁶ Anais da Biblioteca Nacional. Vol. XXXII, Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar feito por ALMEIDA, E. de C. p. 539. Ofício dos governadores interinos da Capitania da Bahia para Martinho de Mello e Castro, em que lhe dão diversas e interessantes notícias relativas à comarca dos Ilheos. 23.08.1783.

diálogo e a aproximação, porém, o preço do encontro pleno com o outro é a vivência da ambigüidade, conclui Rebollo.

Situação similar pode ser percebida no processo de cristianização dos escravos africanos no velho Sul dos Estados Unidos. A mediação religiosa encontra resistências no universo religioso dos africanos cuja condição social os leva a se identificarem mais com a trajetória vitoriosa e libertária de Moisés do que com a vitória de alguém que foi sacrificado sem reação. As representações e crenças religiosas africanas também os impedem de categorizar o mundo de forma dicotômica entre o bem e o mal, entre Deus e o Diabo. A dubiedade da imagem do diabo pelos escravos do Sul escravista americano revela que a permeabilidade e o rompimento dos limites podem ser facilitados pela habilidade do mediador.

Se a dimensão religiosa constituiu-se um campo de resistências para os escravos afro-americanos⁷ e para os chineses, para João Gonçalves da Costa, um agente aberto à mediação com o mundo ibérico, esta variável não se tornou um problema, na verdade, Costa assimilou o universo católico português e se tornou seu defensor no Sertão da Ressaca. Logo após a conquista da região, ergueu uma capela em nome de Nossa Senhora das Vitórias, conforme registra a memória popular da cidade até os dias atuais, e no decorrer do século XVIII, sua militância religiosa é contínua.

Em correspondência aos representantes do governo português, em 30 de julho de 1783, relata as dificuldades que tem o sertão em manter os preceitos religiosos católicos:

[...] e assim estão os sertões todos acabados, e que os tem acabado são os Juizes de Órfãos e os Vigários, pois estes pegam-se a um costume antigo de levarem duas patacas a cada pessoa, filhos famílias, e escravos a pataca pela desobriga, e por cada criança que batizam, quatro patacas, e outro tanto defesa de casar quatro mil reis de Estolla [sic], e dez patacas dos banhos, quatro mil reis de fazer perguntas aos noivos se fizeram voto de castidade, e a vista disso parece que é melhor ser gentio no mato de que ser cristão em semelhante terra [...].⁸

Continua o relato denunciando às autoridades lusitanas que os membros da própria Igreja impedem a obra religiosa que se vê como membro e defensor:

[...] este ano sucedeu nesta Freguesia vir o operário do vigário o Padre Manoel Vaz da Costa em desobriga, e o que não teve dinheiro para lhe dar, não só não confessou, como também os pôs na porta da igreja onde estão trinta e tantos, conjunto com os soldados que fui para o mato por desobrigar, mandando-o chamar no princípio da quaresma para me vir confessar, e mais a tropa e não fez dizendo queria ajuntar a sua boiada, e que antes queria perder a desobriga, do que deixar de fazer a sua junta [...].⁹

⁷ Conceito utilizado por Eugene Genovese ao afirmar que não se pode falar em cultura americana nem em cultura africana, mas em cultura afro-americana. In: Genovese, E. **Roll, Jordan, roll: The world the slaves made**. New York: First Vintage Books Edition, 1974.

⁸ Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Brasil-Avulsos. Cópia da carta do capitão João Gonçalves da Costa ao desembargador Francisco Nunes da Costa escrita no Arraial de Nossa Senhora da Vitória, em 30 de julho de 1783.

⁹ Idem.

Estes relatos de experiências nos faz pensar que a permeabilidade cultural não é total e nem geral, mas seletiva e que a análise de um processo de mediação deve ser precedida do reconhecimento de alguns elementos envolvidos, tais como, quem media, o que media, como é exercida a mediação, quais os mecanismos utilizados, onde se media e para quem media. Não se media tudo de igual modo nem em todos os espaços e tempos, pois os universos culturais constituem fronteiras de níveis diferentes. Pode-se afirmar que existem fronteiras brandas passíveis de serem transportadas e por isso, facilitam a mediação, mas a riqueza das culturas abriga também fronteiras duras, resistentes e impermeáveis que dificultam, e mesmo impedem, o processo de mediação que, *a priori*, pode ser marcado por vitórias e derrotas que constroem um espaço novo, peculiar, que sincretiza elementos heterogêneos e distintos, abrigando valores, crenças e saberes que podem tanto se incluir como excluir.

É importante esclarecer, de outro modo, os perigos que corremos em falar de culturas puras singularizadas em espaços que desconhecemos: “todas as culturas são híbridas [...] as misturas datam das origens da história do homem” (Gruzinski, 2001, p.41). O termo “cultura” precisa ser repensado para que se possa compreender as misturas.

Como categoria de análise o termo cultura foi constantemente aplicado para se entender os mundos pré-modernos e também para analisar as novas realidades sociais da modernidade e da contemporaneidade, alimentando uma compreensão de que pode existir uma totalidade coerente, estável capaz de orientar e condicionar os comportamentos de determinado grupo social ou espaço sócio-histórico:

a démarche ‘culturalista’ leva a imprimir à realidade uma obsessão pela ordem, pelo recorte e pela formatação, que na verdade é típica da modernidade. Insistindo nas especificidades e diferenças, em detrimento do que liga cada cultura a outros conjuntos, próximos ou distantes, logo se chega às retóricas da alteridade e, depois, às do multiculturalismo [...] (Gruzinski, 2001, p. 51).

Serge Gruzinski chama a atenção para outra problemática também de igual envergadura: a aceção de que alteridades e identidades atribuídas a grupos sociais ou indivíduos singularizam e particularizam características estáveis e invariantes. Exemplifica mostrando como a história da América, preocupada em narrar o confronto entre astecas e espanhóis, negligenciou a existência de “grupos múltiplos, móveis ou estratificados a que se ligavam os protagonistas dessa história”. Não podemos pensar que as realidades históricas são portadoras de sistemas homogêneos que abrigam personagens igualmente puros e incólumes a qualquer tipo de troca ou mistura:

Cada criatura é dotada de uma série de identidades, ou provida de referências mais ou menos estáveis, que ela ativa sucessiva ou simultaneamente, dependendo dos contextos. “Um homem distinto é um homem misturado”, dizia Montaigne. A identidade é uma história pessoal, ela mesma ligada a capacidades variáveis de interiorização ou de

recusa de normas inculcadas. Socialmente, o indivíduo não pára de enfrentar uma plêiade de interlocutores, eles mesmos dotados de identidades plurais (Gruzinski, 2001, p.53).

A globalização do mundo – a mundialização – se tornou viável a partir do século XVI com a expansão ibérica ultramarina que aproximou universos culturais fomentando de maneira intensa um sistema de trocas e misturas em larga escala:

[...] culturas se renovaram e se adaptaram, mas também se preservaram. Os responsáveis por esses processos – navegadores, exploradores, comerciantes, religiosos, autoridades, viajantes, naturalistas, índios, escravos africanos, contrabandistas, trabalhadores navais, entre outros – mediaram culturas por meio do tráfico da natureza e do maravilhoso, assim como, em alguns casos, ajudaram a montar verdadeiros laboratórios de adequação e de ajuste biológico e cultural (Paiva, 2004, p. 1-2).

O espaço do qual parte João Gonçalves da Costa é, por sua própria natureza, mestiço. Também o espaço por ele conquistado – o sertão da Bahia – é um mundo mesclado que comporta índios, negros e brancos com trajetória e experiências bastante distintas e que passam a compartilhar, nem sempre de forma idílica, experiências, saberes, crenças e valores.

A conquista do Sertão da Ressaca, região Centro-Sul da Bahia, foi iniciada por João da Silva Guimarães e está ligada à expansão de Minas Novas, ao tempo pertencente à Capitania da Bahia, cujo superintendente Pedro Leolino Maris formou uma bandeira, entregando a direção a André da Rocha Pinto, em 1727. O regimento objetivou conquistar o sertão entre os Rios das Contas, Pardo e São Mateus, no intento de encontrar metais preciosos, estabelecer fazendas de gado, matar índios que se opusessem à conquista, estabelecer aldeias e destruir quilombos eventualmente encontrados (Medeiros apud Torres, 1996, p. 20).

João Gonçalves da Costa deu continuidade à conquista da região conforme informado na patente por ele recebida, documento que especifica sua condição social e também as funções que deveria desenvolver juntamente com João da Silva Guimarães:

[...] criar de novo o posto de capitão do terço de Henrique Dias [...] capitão de gente preta que servirá na conquista e descobrimentos do mestre de campo João da Silva Guimarães que Vossa Majestade teve por bem criar de novo na pessoa de João Gonçalves da Costa: preto forro [...].¹⁰

Continuou a conquista com a exploração do Rio das Contas e, anos depois, do Rio Pardo. Organizada sua bandeira, chegou a Barra da Vereda e depois a Barra da Jibóia, passando pelo Catolé Grande, onde conseguiu vencer os Mongoiós, conforme ele mesmo descreve em sua

¹⁰ APEB. Seção: Colonial e Provincial. Série: Patentes e Alvarás do Governo. 1738-1745. Maço 356. Patente do posto de capitão-mor do terço de Henrique Dias concedida a João Gonçalves da Costa.

*Memória sumária e compendiosa da Conquista do rio Pardo*¹¹ escrita em 1806-1807. Em *Batalha*, lugar cuja denominação derivou do massacre cometido contra os índios que habitavam o local, carnificina que ficou registrada na memória da cidade até os dias de hoje, João Gonçalves da Costa iniciou o seu grande empreendimento de patriarca da conquista do gentio.

As entradas empreendidas por João Gonçalves da Costa correspondiam diretamente aos interesses econômicos e políticos da Coroa portuguesa, que precisava abrir vias de comunicação entre o sertão da capitania e o litoral, com o intuito de expandir a economia para o interior, buscar metais preciosos e, conseqüentemente, conquistar territórios habitados por tribos indígenas, como bem esclarece Kátia Mattoso (1992, p. 74).

O mecanismo utilizado por João Gonçalves da Costa foi a submissão e a exploração do trabalho indígena com a construção de aldeamentos, empreendimento acompanhado de violência que resultou na dizimação completa de grupos indígenas ou na sua redução a pequenas áreas de tribos mantidas sob constante vigilância.

Mesmo depois da conquista da região e da consolidação das grandes fazendas de criação, permaneceu a política local dos novos colonos para com os índios. Foram constantes e ininterruptos os ataques às demais tribos indígenas da região, ocorrendo novas batalhas em Panela, Porcos, Sucesso – localidades próximas ao Arraial da Conquista. As investidas dos conquistadores não se limitavam apenas à submissão dos índios, os quilombos existentes na região também se tornaram alvo dos novos donos da terra.

Ainda não se sabe ao certo a data em que se fundou o Arraial da Conquista. Em ofício redigido em Lisboa no dia 12 de agosto de 1780, o ex-governador da Bahia Manuel da Cunha Menezes escreveu para o Secretário da Marinha e Ultramar, Martinho de Mello e Castro, sobre a Capitania dos Ilhéus, revelando ter conhecimento sobre criação de gado e estar informado que

*um homem com sua família, vivia nas cabeceiras da citada capitania, no sertão da ressaca, chamado João Gonçalves, o qual obrigando-se, não sei o motivo, por aquele deserto por dilatado tempo, não logrou ver fruto do seu trabalho, pois lhe roubavam os índios bravos e as onças que eram em grande número, mas como se lhe foram agregando alguns casos de índios domésticos e teve com que comprar alguns escravos; hoje tem no rancho mais de 60 pessoas e vivem sossegados das primeiras perturbações e rodeados das fazendas de gado com que fornecem os açougues da Vila de Jaguaripe, povoação de Nazareth e Aldeia, tendo a fazer dilatado caminho pra lhe introduzir os gados.*¹²

¹¹ Anais da Biblioteca Nacional. Vol. XXXVII. Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar feito por ALMEIDA, E. de C. p. 455. Memória sumária e compendiosa da Conquista do rio Pardo, feita pelo Capitão João Gonçalves da Costa. 1806-1807.

¹² Anais da Biblioteca Nacional. Vol. XXXII. Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar feito por ALMEIDA, E. de C. p. 472. Ofício do ex-governador da Bahia Manuel da Cunha Menezes para Martinho de Mello e Castro, sobre a Capitania dos Ilheos. Lisboa. 12 de agosto de 1780.

As dificuldades de João Gonçalves da Costa são por ele mesmo registradas às autoridades portuguesas no sentido mesmo de solicitação de ajuda, não só para defesa da terra diante dos índios, mas para sua própria sobrevivência:

Eu não espero prêmio de tantos trabalhos [...] da Majestade Divina que paga bem a quem serve com limpeza de coração. Tenho feito grandes despesas com as duas entradas, tanto de farinha como de carne, e agora a terceira há de ser muito maior, fiado em que tendo ela bom fim, como espero na onipotência Divina ser pago e quando não seja, não só perderei os gastos feitos, mas também pagarei os barris de pólvora e chumbo para que não perca Sua Majestade tanto haver.¹³

Continua a correspondência, descrevendo um roubo e pólvoras que deixou seus soldados e ele mesmo vulneráveis a qualquer sorte. Prossegue relatando os perigos que tem passado e os assaltos que tem sofrido no empreendimento que tem tanto orgulho em preservar:

Com semelhante gente não pode um homem que tem vergonha dar conta de si, pois todos mereciam ser bem castigados, pois não é de razão que eu pague o que eles furtaram depois de me deixarem em tanto risco no mato, e nessa parte brava [...] o que sentirei é, que os pobres soldados que confiadamente me tem acompanhado cont tanto risco de vida fiados nas promessas que lhes tenho feito com os dois vinténs com que o Ilmo. Sr. Marquês [sic] mandou assistir aos cinqüenta por V. M. e como estes fugiram me apreço ser de razão que prevaleçam os que ficaram em seu lugar com tanto risco de perderem as suas vidas [...].¹⁴

O grupo familiar de João Gonçalves da Costa sedimentou-se como membros do poder local do arraial que a partir de 1840, elevado á categoria de vila, recebe o nome pomposo de Imperial Vila da Vitória. Três outras famílias também se sedimentaram no lugar no início do século XIX, os Ferraz de Araújo, os Lopes Moitinho, e os Ferreira Campos¹⁵. A maioria de seus descendentes ocupou cargos burocráticos na administração local e funções na Câmara e no executivo do município durante todo o século XIX e XX.

A trajetória de João Gonçalves da Costa, como foi visto, está inserida no contexto das novas tramas históricas iniciadas no processo de expansão ibérica no século XVI. Como ele, muitos aventureiros, conquistadores, burocratas deslocaram-se para os mais diversos espaços alcançados pela conquista política e econômica implementada por portugueses e espanhóis. O curioso deste personagem é que não se trata de um agente oficial do governo português incumbido de tarefas oficiais no sertão da Bahia. Também não se trata de apenas um aventureiro, nem de um curandeiro, comerciante ou um membro falido da nobreza portuguesa, como tantos que vieram para o Novo Mundo.

¹³ Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Brasil-Avulsos. Cópia da carta do capitão João Gonçalves da Costa ao desembargador Francisco Nunes da Costa escrita no Arraial de Nossa Senhora da Vitória, em 30 de julho de 1783.

¹⁴ Idem.

¹⁵ A trajetória política destas famílias e o controle do poder local, por elas exercido, na Imperial Vila da Vitória durante o século XIX, ver IVO, 2004.

Trata-se de um preto forro que conseguiu mobilizar as fronteiras sociais e religiosas do mundo lusitano e, em terras coloniais, conquistou o posto de capitão-mor para se encarregar de implementar a conquista do sertão da Bahia. Após ser oficializado agente oficial do governo português, constituiu tropas de soldados sob seu comando, protagonizou diversas batalhas com os índios que habitavam o lugar e, por fim, se tornou um militante convicto da fé católica no sertão.

João Gonçalves da Costa sabia ler e escrever. A análise de parte do conjunto de sua correspondência que chegou até nós, mostra tratar-se de um homem preocupado em divulgar suas descobertas e conquistas à Coroa portuguesa, relatando de forma cuidadosa, as dificuldades e os problemas enfrentados com os índios e os salteadores que infestavam o sertão. Vitorioso em seu empreendimento de combate ao gentio, divide entre os membros da sua família, as terras conquistadas e, com outras famílias que chegam posteriormente, funda o Arraial da Conquista, futura Imperial Vila da Vitória, grosso modo, hoje, o Município de Vitória da Conquista.

Referência bibliográfica:

- ARES QUEIJA, B. El papel de mediadores e la construcción de un discurso sobre la identidad de los mestiços peruanos (Siglo XVI). _____. & Gruzinski, S. (Coords.). **Entre dos mundos**. Fronteras culturales y Agentes mediadores. Sevilla, 1997. (1º Congresso Internacional sobre Mediadores Culturais. 1995).
- FREYRE, G. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 16. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- GENOVESE, E. **A terra prometida**: o mundo que os escravos criaram. Rio de Janeiro/Brasília: Paz e terra, 1988
- GRUZINSKI, S. Entre monos e centauros. Los índios pintores e la cultura del Renacimiento. In: Ares Queija, B. & Gruzinski, S. (Coords.). **Entre dos mundos**. Fronteras culturales y Agentes mediadores. Sevilla, 1997. (1º Congresso Internacional sobre Mediadores Culturais. 1995).
- _____. Les mondes mêlés de la monarchie catholique et autres "connected histories". In: **Annales**, Histoire, Sciences Sociales. Paris: Éditions de EHESS/Armand Colin, 2001, p. 85-117.
- _____. La ciudad mestiza y los mestizajes de la vida intelectual el caso de la ciudad de México, 1560-1640. In: Garcia, C. & Medina, M. R. (Coords.). **Ciudad mestizas**. Intercambios y continuidades en la expansión occidental. Siglos. XVI a XIX. México, 2001. (Actas del 3er. Congresso Internacional Mediadores Culturais. 1999).
- _____. Os índios construtores de catedrais. Mestiçagens, trabalho e produção na Cidade do México, 1550-1600. In: Paiva, E. F. & Anastásia, C. M. J. (Orgs.) **O Trabalho mestiço**. Maneiras de pensar e formas de viver. Séculos XVI a XIX. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume /PPGH-UFGM, 2002.
- _____. **Les quatre parties du monde**; histoire d'une mondialisation. Paris: Éditions de la Martinière, 2004.
- _____. **O pensamento mestiço**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____. La occidentalización e los vestigios de las imágenes maravillosas. Entrevista com Serge Gruzinski de Marianne Braig e Petra Schum. In: Schum, P. **Barrocos y modernos**. Nuevos caminos en la investigación del barroco iberoamericano. Madrid: Varunet, 1998.
- _____. Passer les frontières. Deplacer les fronteirières à México (1560-1580). In: Loureiro, R. M. & Gruzinski, S. (Coords.). **Passar as fronteiras**. Lagos. 1999. (Actas do II Colóquio Internacional sobre Mediadores Culturais. Séculos XV a XVIII. 1997).
- IVO, I. P. **O Anjo da Morte contra o Santo Lenho**: poder, vingança e cotidiano no sertão da Bahia. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2004.
- MATTOSO, K. M. de Q. **Bahia**. Século XIX. Uma província do império. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1992.
- PAIVA, E. F. **Escravidão e universo cultural na colônia**. Minas Gerais. 1716-1789. Belo Horizonte: EDUFMG, 2001.
- _____. Paiva, E. F. & Anastásia, C. M. J. (Orgs.). **O trabalho mestiço**. Maneiras de pensar e formas de viver séculos XVI a XIX. São Paulo: Annablume, 2002.
- _____. Mandioca, pimenta, aljôfares, trânsito cultural no Império português – naturalia & mirabilia. Belo Horizonte, 2004 (texto inédito).
- _____. Bateias, carumbés, tabuleiros: mineração africana e mestiçagem no novo mundo. In: Paiva, E. F. & Anastasia, C. M. J. (Orgs.). **O trabalho mestiço**. Maneiras de pensar e formas de viver. Séculos XVI a XIX. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume /PPGH-UFGM, 2002.
- _____. Mestiçagem e impermeabilidade cultural nas áreas urbanas das Minas Gerais, Brasil, séculos XVIII, XIX e XX. In: Garcia, C. & Medina, M. R. (Coords.). **Ciudad mestizas**. Intercambios y continuidades en la expansión occidental. Siglos. XVI a XIX. México, 2001. (Actas del 3er. Congresso Internacional Mediadores Culturais. 1999).
- REBOLLO, B. M. Misioneros em china. Matteo Ricci como mediador cultural. In: Ares Queija, B. & Gruzinski, S. (Coords.). **Entre dos mundos**. Fronteras culturales y agentes mediadores. Sevilla, 1997. (1º Congresso Internacional sobre Mediadores Culturais).

_____. Mediación cultural y fronteras ideológicas. In: Loureiro, R. M. & Gruzinski, S. (Coords.). **Passar as fronteiras**. Lagos. 1999. (Actas do II Colóquio Internacional sobre Mediadores Culturais. Séculos XV a XVIII. 1997).

TORRES, T. L. **O município da Conquista**. (Edição crítica anotada por Ruy Araújo Hermann Medeiros). Vitória da Conquista: Museu Regional de Vitória da Conquista/Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 1996.